

FILOSOFIA A DISTÂNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DE UM CURSO DE FILOSOFIA NA MODALIDADE EAD.

Márcia Marques Damasceno
Mestrado em Ética e Filosofia Política pela UFC
Tutora à Distância do curso de Filosofia da UAPI/UFPI

Introdução

A filosofia sempre esteve presente nos diversos domínios da cultura seu *topos* específico, ou seja, a pergunta filosófica se dirige a todos os domínios fundamentais da nossa cultura: Religião, Ética, Ciências da Natureza e Humanas, Política e História. E nesse sentido, a filosofia tem a tarefa de investigar as faces problemáticas de tais domínios através do exercício reflexivo de dar razão a todas as manifestações da cultura. Este foi o ideal filosófico desde seu surgimento na Grécia Antiga, porém com a evolução da tecnologia e da ciência, o questionamento filosófico é, a cada dia mais, deixado de lado. Dessa forma, a primeira problemática que os alunos dos cursos de graduação em filosofia devem enfrentar atualmente é o problema de justificar a própria necessidade da Filosofia em um mundo globalizado e interconectado por redes mundiais do computadores. As discussões filosóficas atuais estão quase que totalmente restritas às Universidades. Dentro neste novo contexto ainda temos a novidade dos cursos de filosofia à distância e juntamente com esta nova realidade surgem novas dificuldades, principalmente de cunho pedagógico e metodológico. Neste ensaio pretendemos defendemos uma reconstrução do currículo de filosofia aplicado a modalidade à distância, fundado numa teoria construtivista e em uma nova concepção de ensino-aprendizagem.

1. A Educação à Distância

Para MORAN, a educação à distância é “o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Moran é bastante objetivo em seu conceito e nos mostra a idéia central de Ead. Esta modalidade de ensino é constitui a nova realidade em termos educacionais

e cresce em proporções consideráveis atualmente no Brasil. Porém, mesmo com vários séculos de história o ensino a distância ainda enfrenta uma considerável quantidade de obstáculos e o principal deles hoje é necessidade de uma pedagogia adequada para esta nova realidade. Com o intuito de fundamentar pedagogicamente esta emergente realidade de ensino, muitos teóricos vêm publicando pesquisas em livros e periódicos nacionais propondo uma saída para tal dificuldade.

Essa nova forma de ensino/aprendizagem parte do princípio de que é possível uma intervenção a distância de um professor no processo de aprendizagem de um aluno mesmo que estes estejam separados espacial e temporalmente e para tal usa uma vasta gama de ferramentas criadas justamente pensando neste novo contexto de aprendizagem, cuja principal é a internet. Atualmente são as Tecnologias da Comunicação e Informação (tics) que possibilitam a interação entre professores e alunos a distância, elas priorizam a interatividade dos cursos e facilitam a compreensão dos conteúdos.

No Brasil esta nova modalidade de ensino está contribuindo para a formação e qualificação dos professores da rede pública através da Universidade Aberta do Brasil-UAB.

2. A Filosofia e a nova realidade dos cursos de graduação à distância

A filosofia, bem como outras áreas do conhecimento, possui linguagem e metodologia própria, ou melhor, linguagens e metodologias se levarmos em consideração suas diversas ramificações: analítica, fenomenológica, hermenêutica, lógica, etc. Enquanto uma forma de conhecimento conceitual, a filosofia requer um tipo de raciocínio abstrato e argumentativo que exige um tipo de leitura analítica, interpretativa e crítica do mundo e dos teóricos usados como suporte do curso, a fim de elaborar argumentações próprias sobre os mais diversos temas.

Para LUCKESI, a “filosofia é um corpo de conhecimento, constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o mundo e dar-lhe sentido” (LUCKESI, p. 23). Mesmo com a grande variedade de conceitos e teorias filosóficas, por vezes conflitantes e incomensuráveis, é possível admitirmos a existência de um

corpo de conhecimentos adquiridos no decorrer da História da Filosofia, e o autor acima citado parece ter compreendido bem isso.

É esse corpo de conhecimentos, constituído basicamente de conceitos, teorias, argumentos e doutrinas que é transmitido e discutido no decorrer dos cursos de graduação em Filosofia no Brasil. Porém, a atividade filosófica não se esgota em compreender as teorias dos principais filósofos, o que os alunos de graduação devem compreender é que esse conhecimento historiográfico é necessário na medida em que a partir dele podemos elaborar nossas próprias teorias e doutrinas. De qualquer forma, como afirma MacINTYRE, “é preciso recorrer à história para irmos além dela”.

De fato é unânime o entendimento de que o conhecimento acerca da história da Filosofia constitui o pilar de toda atividade filosófica, o que comprova isso é a adoção de inúmeras cadeiras dedicadas à mesma. O pensamento filosófico deve sempre ser pensado em termos históricos, haja vista que as teorias sempre se remetem a discutir, questionar ou justificar as crenças da sociedade na qual se originou. Para SEVERINO (1986),

“o exercício atual do filosofar no Brasil, ao assumir suas diferentes formas de expressão cultural, manifesta profunda vinculação com a tradição filosófica ocidental, revelando assim a continuidade de sua dependência paradigmática frente a essa tradição. Mas, ao mesmo tempo, esse exercício vem expressando também um esforço criativo, ao tomar esses mesmos paradigmas como metodologias da investigação crítica, procedendo assim a uma ruptura com suas raízes e ganhando mais autonomia na construção de um discurso interpretativo da experiência histórica brasileira” (p.318).

Esse problema deve ser amplamente debatido hoje, principalmente no contexto atual de avanço e consolidação da modalidade de educação à distância. Isso porque, tendemos a crer que aprender Filosofia é apenas aprender a História da Filosofia e não o fazer filosófico. Isso se constitui num problema na medida em que temos cursos de Filosofia voltados para a formação de profissionais, ou seja, profissionais responsáveis pela formação intelectual e humanística dos alunos, atendendo a exigência da LDB 9.394/96. A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, afirma que os conhecimentos de Filosofia são necessários para o exercício da cidadania.

A tarefa da filosofia é prover a busca de compreensão da totalidade e da unidade do sentido do homem no mundo e da sua práxis histórica, enquanto momento de

autoconhecimento e reflexão crítica acerca dos fundamentos do seu agir e do seu conhecer. Porém, como aplicar isso pedagogicamente? Para tal é necessário compreender que os conteúdos dos currículos devem ser apreendidos e assimilados, não apenas para serem retransmitidos, mas sim para facilitar e possibilitar a compreensão do mundo sócio-cultural e para uma intervenção crítica, consciente e eficaz nele, bem como entendê-los enquanto produto histórico da própria ação humana, relativos às necessidades e exigências do tempo no qual emergiram. É tarefa da filosofia repensar o mundo da cultura, mas para tal faz-se necessário recorrer a uma vasta gama de conceitos que carregam consigo uma história, ou seja, os conceitos com os quais a filosofia opera não foram simplesmente intuídos, mas foram gestado no decorrer da história da filosofia, isso por si já justificaria uma abordagem histórica das teorias filosóficas dentro dos cursos de graduação. Porém o erro cometido por grande parte dos atores envolvidos nestes cursos é pensar que estudar filosofia é conhecer, ou decorar, a história da filosofia. É com essa visão que uma pedagogia aplicada ao ensino de filosofia na modalidade a distância deve romper. A filosofia trabalha com conceitos e estes carregam consigo histórias, porém não podemos lidar com esses conceitos como se fossem peças de museu. Para Silvio GALLO,

aula de filosofia deve funcionar como uma oficina de conceitos, um local onde os conceitos historicamente criados são experimentados, testados, desmontados, remontados, sempre frente aos nossos problemas vividos. E também um local onde se arrisque a criação de novos conceitos, por mais circunscritos e limitados que eles possam ser (GALLO, 2003, p.4).

Os currículos dos cursos de graduação em filosofia, inquestionavelmente, devem contemplar a rica tradição filosófica, mas não podem estacionar nesta fase. Se entendermos a atividade filosófica como produtora de sistemas filosóficos devemos criar currículos que favoreçam o surgimento de tais sistemas, ou como defende GALLO, criar conceitos.

Atualmente o currículo do curso de filosofia, apresentado no Projeto Político Pedagógico do Curso Superior de Filosofia na modalidade a distância da Universidade Federal do Piauí, contempla 3.050 horas. Destas apenas o percentual de 20% é destinado a atividades a disciplinas como Seminários, Tópicos Especiais e debates, que são disciplinas destinadas ao aprofundamento e discussões de teorias filosóficas e momento propício para que os alunos construam conhecimento acerca da filosofia. As ementas das disciplinas sempre priorizam a perspectiva histórica dos temas e apenas de

forma tímida propõem problemas a serem discutidos e desenvolvidos no decorrer das disciplinas.

A teoria Construtivista nos fornece um fundamento pedagógico para o curso de filosofia na modalidade à distância. O aluno precisa passar de receptor passivo e, lançando mão de uma postura participativa, reflexiva e interativa, construir seu conhecimento. Assim, o aluno lendo as obras dos filósofos, interpretando-as e formulando críticas e novas hipóteses, irá construindo, ele próprio, seus esquemas de pensamento e seu conhecimento. Nessa perspectiva o papel do professor de filosofia também mudará, ele deve ser orientador da aprendizagem, preocupando-se em levantar questões para os alunos e estimulando a procura por respostas. O professor deve ser mediador, pois trabalhará aproximando o aluno do conhecimento, provocando situações-problema e o aluno será sujeito do processo de aprendizagem ao aprender a aprender. A teoria Construtivista ganha mais adeptos a cada dia por propor uma concepção de ensino-aprendizagem centrada na interação professor-aluno-conteúdos-meio.

De acordo com a teoria Construtivista, para produzir conhecimento no contexto das Tics (Tecnologias da informação e da comunicação) é

preciso antes desconstruir a informação, descobrindo-lhe as relações já instituídas, problematizar o fato, elevando-o à instância do virtual, para então reconstruir o acontecimento novamente em fato, mas contextualizado segundo as mesmas ou novas relações possíveis. Para construir conhecimento a partir da informação já pronta, criadora de fatos, é preciso subverter a relação vertical, autoritária, expressa na informação já dada. (AXT, 2000, p.57)

Propomos o Construtivismo como teoria pedagógica norteadora do curso de filosofia na modalidade à distância por entender que este curso deve fazer-se sobre novas bases, bases centradas no aluno, enquanto sujeito pensante, reflexivo e crítico dos conteúdos aprendidos no decorrer das disciplinas. Nesta nova realidade do ensino de filosofia o centro não pode mais ser o professor, enquanto detentor do conhecimento das teorias e dos teóricos as quais transmite aos alunos, por meio de aulas expositivas e muitas vezes cansativas. Se a realidade educacional é outra, também deve ser outra a metodologia e a pedagogia norteadoras. Não é mais admissível que, com a evolução das ferramentas de interação e comunicação, as aulas virtuais sejam meras aulas presenciais transferidas para um computador. É preciso lançar mão de metodologias específicas que valorizem a interação dos agentes educacionais e possibilite a construção de conhecimento por parte dos alunos.

Na modalidade à distância a filosofia encontra diversos meios de fazer-se, isso devido à interatividade proporcionada pelas tecnologias de informação, principalmente a internet. Os fóruns, chats e conferências passam a compor o leque de ferramentas pedagógicas disponíveis para a apreensão e construção de conhecimentos filosóficos.

Conclusão

A Educação à Distância vem, ao longo dos últimos anos, transformando o cenário educacional brasileiro e com isso se tornando a preocupação central daqueles que pensam os rumos da educação numa sociedade cada vez mais interconectadas por redes de tecnologia digital. Inúmeros são os cursos oferecidos em nível de graduação e pós-graduação atualmente na modalidade de educação à distância no Brasil e à medida que cresce a quantidade de curso à distância cresce também o número de publicações que tematizam os fundamentos pedagógicos para esta nova modalidade de ensino, bem como novas metodologias de ensino.

O que podemos constatar é que os cursos de Filosofia nesta modalidade ainda trabalham na perspectiva tradicional, ou seja, apenas transferiram para os meios virtuais a forma presencial de ensino. E nossa argumentação gira em torno do abandono dessa perspectiva tradicional, fundada numa pedagogia tradicional, em favor de uma perspectiva construtivista, que compreende que a filosofia não deve ser transmitida aos alunos, mas que estes devem construir seus próprios conhecimentos filosóficos através dos diálogos com os filósofos.

Além da mudança no fundamento pedagógico propomos uma mudança na metodologia de ensino, através da elaboração de currículos que contemplem mais os debates, seminários e discussões que constituem ferramentas importantes para a elaboração de pensamentos próprios por parte dos alunos.

Sabemos que a demanda por professores de filosofia na rede pública é uma realidade, principalmente com a exigência de que esta disciplina deve estar presente em todos os anos do Ensino Médio, porém não devemos negligenciar a qualidade da formação destes professores-filósofos.

Bibliografia

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

GALLO, Sílvio. CORNELLI, G. DANELON, M. (Orgs). **Filosofia do Ensino de Filosofia**, Petrópolis, Vozes, 2003.

SEVERINO. A. J. **Educação, Ideologia e Contra-ideologia.** São Paulo, E.P.U., 1986.

AXT, Margarete. **Tecnologia na educação, tecnologia para a educação. : um texto em construção.** Informática na educação – teoria & prática, Porto Alegre: UFRGS, v.3, n.1, set., 2000.